

CORPO E TERRITÓRIO: A POÉTICA DE SONY FERSECK NA LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

BODY AND TERRITORY: SONY FERSECK'S POETICS IN CONTEMPORARY INDIGENOUS LITERATURE

Elen Karla Sousa da Silva (UFAM / PPGL)

elen.silva@ufam.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-3304-1469>

Dariana Paula Silva Gadelha (UFAM)

dariana.gadelha@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0009-0000-1991-1072>

RESUMO: O texto analisa a poética de Sony Ferseck, destacando sua contribuição à literatura indígena contemporânea, bem como a relação entre corpo e território. A autora enfatiza a importância da ancestralidade e da identidade indígena, apresentando a poética de Ferseck como uma forma de resistência e autorrepresentação das mulheres dos povos originários. A fim de melhor embasar a pesquisa recorremos às reflexões e concepções de Lugones(2014), Krenak (2019), Graúna (2013; 2019), entre outros. A perspectiva do corpo-território é central para entender como essas poéticas se articulam com as experiências e vivências das comunidades indígenas, refletindo uma busca por espaço e voz na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: *Corpo; Território; Literatura indígena contemporânea; Sony Ferseck; Weiyamî: mulheres que fazem sol.*

ABSTRACT: This text analyzes Sony Ferseck's poetics, highlighting her contribution to contemporary indigenous literature and the relationship between body and territory. The author emphasizes the importance of ancestry and indigenous identity, presenting Ferseck's writing as a form of resistance and self-representation for women from indigenous peoples. In order to better support this research, we resorted to the reflections and conceptions of Gago (2020), Colson (1985), Graúna (2013; 2019), among others. The body-territory perspective is central to understanding how these narratives articulate with the experiences of indigenous communities, reflecting a search for space and voice in contemporary society.

KEYWORDS: *Memory; Contemporary indigenous literature; Sony Ferseck; Weiyamî: women who shine.*

1 Introdução

“Ao escrever, dou conta da ancestralidade, do caminho de volta, do meu lugar no mundo”
Graça Graúna (2019)

Este estudo se justifica pela necessidade de pensarmos as literaturas indígenas contemporâneas a partir da perspectiva dos estudos sobre o corpo-território. Essa escrita literária situa o indígena como protagonista criador de suas próprias histórias, o que se dá por meio de um corpo e território. A literatura indígena na contemporaneidade não se restringe, em suas expressões, meramente à figura do escritor que busca difundir a cultura e suas práticas, uma vez que tal manifestação se articula com as questões que dizem respeito à autoria indígena, que emerge profundamente enraizada na identidade desses sujeitos e se constitui como atividade de autorrepresentação.

A literatura indígena persiste em buscar seu lugar no cenário literário brasileiro, enquanto reverência às mulheres indígenas, suas lutas pela (re)existência e resistência, que se manifestam em vozes, performances, palavras, versos e literatura. O coletivo “Mulherio das Letras Indígenas” tem como missão dar visibilidade à produção literária de escritoras e autoras indígenas brasileiras. Atuando como um espaço de articulação, o grupo incentiva a produção de contos, poesias e prosas, reafirmando a literatura tanto como expressão artística quanto como ferramenta de preservação cultural dos povos indígenas no Brasil. Entre suas articuladoras está Eva Potiguara, que atua no fortalecimento da escrita entre mulheres indígenas em todo o país.

Rita Olivieri-Godet (2022, p. 7), em prefácio à obra de Ferseck, reitera que “a linguagem poética de Sony Ferseck se insere no amplo conjunto de produções artísticas indígenas contemporâneas que se constroem no exercício da travessia de fronteiras”. A obra de Sony Ferseck¹, nesse sentido, é uma expressão criativa dessa luta pelos direitos das mulheres dos povos originários e opera uma denúncia das injustiças que elas enfrentam, sendo socialmente excluídas e violentadas. Na escrita de Sony, encontramos uma visão étnica que valoriza a memória, a identidade e a ancestralidade indígenas em movimento na contemporaneidade. A literatura de Sony Ferseck é um processo de reencontro com os seus. Sony é uma contadora de histórias, e suas histórias voltam-se, especialmente, para a vida das mulheres indígenas. Suas palavras são cura, o que está refletido em sua poesia.

¹ Sonyellen Fonseca Ferreira, cujo pseudônimo é Sony Ferseck ou Wei paasi (irmã em Sol), em makuxi.

O ato de escrever adquire um significado simbólico ao passo que se conecta com o imaginário coletivo makuxi, inserindo o corpo-território no espaço da memória cultural. A integração dos conceitos “corpo” e “território” é, no entanto, uma discussão recente, que vem sendo explorada no campo acadêmico especialmente por Verónica Gago (2020, p. 107), a qual assevera o seguinte:

A conjunção das palavras corpo-território fala por si mesma: diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem. Corpo e território compactados como única palavra desliberaliza a noção do corpo como propriedade individual e específica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território (Gago, 2020, p. 79).

Gago (2020), ademais, ressalta o empenho dessa abordagem com a coletividade e a proteção dos bens comuns, como água, floresta e terras. Nesse sentido, o conceito de corpo-território está intrinsecamente ligado à crítica da noção liberal do corpo e do território, que os submete à propriedade privada e à violência, enquanto rompe os laços comunitários (Oliva, 2022).

Beatriz Nascimento (2018), historiadora e ativista pelos direitos da população negra e das mulheres, expôs o debate sobre o corpo como território na década de 1970. Em sua percepção, o corpo negro é um quilombo, ideia que complementa da seguinte maneira:

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo quando a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. **Uma possibilidade nos dias de destruição** (Nascimento, 2018, p. 7, grifos nossos).

Com essa concepção de quilombo como uma alternativa nos momentos de destruição, podemos entender o ato de se aquilombar como uma prática cultural que perpassa a história da experiência negra no Brasil. Diante disso, a relevância de considerar o corpo-território também reside na valorização da experiência coletiva de indígenas, trabalhadoras rurais e quilombolas, grupos cujas pautas anteriormente recebiam pouca atenção nos debates feministas ou mais amplos. É também Beatriz Nascimento (Ôrí, 1989) que nos revela que a memória é um conteúdo que deriva do seu passado, vida e história, criando uma analogia do corpo como um documento.

Graça Graúna, por seu turno, na obra *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013), enfatiza a importância vital da literatura para a sobrevivência dos povos originários, como observamos a seguir:

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo de mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (Graúna, 2013, p. 15).

Este texto é, portanto, um convite a um passeio pela literatura indígena contemporânea de autoria feminina a partir da poesia da escritora Sony Ferseck. Mulher indígena da etnia macuxi, Sonyellen Fonseca Ferreira Fiorotti, que adotou o nome Sony Ferseck para assinar suas obras, nasceu em Roraima. Além de escritora e poetisa, ela é professora e uma das fundadoras da Wei Editora, primeira editora independente do estado de Roraima, lançada em 2019, com sede em Boa Vista. Em parceria com Devair Fiorotti, Ferseck criou a Wei com a intenção de publicar literatura produzida por indígenas. Além disso, a editora surgiu como consequência de uma pesquisa acadêmica acerca de histórias e cantos dos povos originários do Brasil. Desde então, a Wei já publicou aproximadamente 30 livros, abrangendo tanto autores indígenas quanto não indígenas. Cabe, ainda, destacar que Ferseck alcançou as semifinais na categoria de poesia do 65º Prêmio Jabuti em 2023, com sua obra intitulada *Weiyamê: mulheres que fazem sol*, lançada em 2022 pela editora Wei.

Sony Ferseck atualmente é pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Participante do projeto de pesquisa Pantan Piá, coordenado pelo Prof. Dr. Devair Fiorotti desde 2014, tem formação em Letras com habilitação em Inglês pela Universidade Federal de Roraima (2013). Entre 2010 e 2013, integrou o projeto de pesquisa Projetos Políticos Pedagógicos e Diversidade Cultural em Escolas Indígenas de Roraima, sob coordenação do Prof. Dr. Elder José Lanes.

2 Memória e Corpo-território

A relação entre corpo e território é fundamental para refletirmos sobre as mulheres indígenas. Para os povos originários, de modo geral, o corpo é um lugar que carrega a cultura, a história, os saberes e as tradições desses povos. Embora a luta pelo respeito ao corpo feminino seja uma discussão corriqueira, cabe considerar as diferentes significações que o corpo assume em diferentes sociedades. Na perspectiva indígena, o corpo feminino é entendido como pertencente à terra em que ele reside, estabelecendo assim uma relação que podemos denominar como corpo-território. Para as mulheres indígenas, o cuidado com as terras também simboliza

o cuidado com seus corpos e, logo, de toda a memória ancestral de seu povo, além de carregarem no corpo e no rosto a identidade cultural de seu povo.

O corpo guarda todas as vivências e experiências que presencia, pressupondo uma constante aquisição de informações que, em processos contínuos de percepção, se transformam em memória. A ideia de elaborar *Weiyamî: mulheres que fazem sol* surgiu do fato de a poeta ter escutado várias histórias de anciões indígenas, e nessas histórias nenhuma mulher era protagonista. Conforme a autora, “as mulheres quando apareciam, ocupavam um segundo plano ou eram violentadas” (Ferseck *apud* Oliveira, 2023).

A obra aqui referida conta com ilustrações da artista plástica Georgina Sarmiento, que também é da etnia macuxi. Para cada poema de *Weiyamî: mulheres que fazem sol*, ela criou uma ilustração, introduzindo técnicas como o bordado. A poetisa tem, ainda, mais dois livros publicados, a saber: *Pouco verbo* (2013) e *Movejo* (2020).

A obra *Weiyamî: mulheres que fazem sol* é constituída por 15 poemas bilíngues, uma fusão de português e macuxi, apresentando versos livres. O título da obra é uma homenagem ao dialeto macuxi, em que “Wei” traduz-se como “Sol”. Na cosmovisão desse povo, o sol é concebido como uma figura feminina, simbolizando, assim, a força e a presença marcante da mulher indígena. A inspiração para criar essa obra, como já foi mencionado, surgiu da observação da escritora, que notou uma ausência de mulheres como protagonistas nas histórias contadas pelos anciões indígenas. Em muitas dessas narrativas, as mulheres eram relegadas a papéis secundários ou eram vítimas de violência (Ferseck, 2023). Sony Ferseck destaca uma dessas histórias como exemplo:

Ouvi a história de uma fera que andava exterminando os membros de uma comunidade e para capturá-la, os homens da comunidade decidiram usar uma mulher idosa, já bem velhinha, como isca para descobrir onde ficava o refúgio do bicho. Puseram uma tocha nas mãos da mulher e a deixaram sozinha em meio à noite. Quando a fera a agarrou puderam acompanhar pelo fogo da tocha onde era o ninho da fera e assim matá-la (Ferseck, 2023).

Para a poetisa, lançar luzes sobre essas mulheres contribui para que elas sejam protagonistas e ocupem lugares que nunca lhes foram ofertados. Desse modo, torna-se possível colocar a cultura indígena como o cerne da obra em estudo. A autora nota, porém, que as tecnologias de comunicação, como a internet e as redes sociais, têm facilitado o encontro e a conexão entre os escritores da região Norte, já que possibilitam a troca de experiências e a circulação de seus livros para além de suas regiões de origem.

A visibilidade tem aumentado pouco a pouco, mas para a maior parte da população do Brasil, escritoras do Norte não fazem parte de seu horizonte de leituras ou mesmo conhecimento. Dei algumas aulas na Universidade Federal de Roraima (UFRR) de literatura e perguntava aos alunos que indicassem nomes de autores e autoras do Norte. Pouquíssimos sabiam nomear (Ferseck, 2024).

Sony Ferseck, também conhecida como Wei paasi em makuxi, que se traduz como “irmã do Sol”, nasceu em 1988 e desde então tem buscado reconectar-se com seu povo, os makuxi, a que ela refere como o Império de Wei, localizado no estado de Roraima. O sol exerce uma influência sobre tudo e todos, inclusive sobre as narrativas de inúmeros povos que relacionam sua própria existência com a conexão de parentesco que têm com esse astro. Em “Grande reencontro”, poema que abre o livro *Weiyamî: mulheres que fazem sol*, Sony Ferseck apresenta:

| | | | | | |
|-------------------------------------|-----------|----------|----------|----------|---------------|
| Grande reencontro | | | | | |
| por | sob | | o | | dourado |
| a palha viva | | | | | |
| ornamento | | | | | ocre |
| do vento que passa | | | | | |
| por sobre as serras | | | | | |
| meu tom de terra | | | | | |
| me confunde o corpo | | | | | |
| cor de semente | | | | | |
| de | | | | | sucupira |
| Por | sob | | a | | sombra |
| o | caminho | e | a | | pegada |
| ardo em trilhas (de fogo): | | | | | |
| Não | existe | | o | | nada |
| Por | entre | | as | | mãos |
| trabalho | | tuas | | | mãos |
| em | minhas | | feito | | barro |
| que | | se | | | abrem |
| em | dedos | | de | | cinza |
| fumaça, tabatinga e jenipapo | | | | | |
| em | tinta | | se | | fecham |
| em roda, canto, voz, meninas | | | | | |
| Gesto | | | | | gestos |
| meu lugar - junto - às irmãs | | | | | |
| à | | | | | Wei* |
| Assim | me | a | - | - | guardo |
| te | a | | - | | guardo |
| em via. | | | | | |

(Ferseck, 2022, p. 9, grifos nossos).

No poema, há a reconstrução da subjetividade do eu poético feminino que envolve a identificação com as filhas de Wei, as mulheres que fazem sol: “meu lugar - junto - às irmãs / à Wei / Assim me a-guardo / te a-guardo / em via” (Ferseck, 2022, p. 9). Essa simbologia aponta para o caráter de cura da escrita. Para os povos originários, a cura é vista como algo que ocorre por meio da língua, da oralidade como uma expressão da memória e uma evocação da ancestralidade.

“Grande reencontro” evoca uma sensação de pertencimento e de conexão com a natureza e com a terra. Nesse sentido, a simbologia da “palha viva” e do “ornamento ocre” sugere uma integração com o ambiente natural, enquanto o “vento que passa por sobre as serras” figura a passagem do tempo e a constante mudança da paisagem. A terra tem cor; é descrita como ocre e associada à tonalidade da semente de sucupira, remetendo à natureza, estabelecendo também uma ligação física e espiritual entre o eu lírico e ela.

Nessa ordem, a expressão “me confunde o corpo” sugere uma sensação de amálgama com o ambiente, no qual o eu lírico feminino se sente parte integrante da paisagem natural.

Além disso, chamamos atenção para o vocábulo palha. A palha é viva, vem da floresta, cobre casas e, por meio dela, são tecidas suas memórias. Esse material continua a ser empregado na confecção de peças artísticas, de artesanato e do revestimento dos telhados das casas indígenas, conhecidas como malocas. Para a antropóloga britânica Audrey Butt Colson, sob as condições do clima equatorial, o tom da palha prevalece na vegetação da região conhecida como circum-Roraima (Colson, 1985).

Wei, como já referido, é a denominação em makuxi maimu, vocábulo ou língua makuxi, para sol. Embora se diga que o Sol é sempre masculino, para a autora, ele é a Grande Avó, que, apesar das grandes ofensas e agressões que lhe infligimos, continua nos permitindo existir sob seus territórios. Assim, nos ensina que devemos restabelecer nossos vínculos afetivos com ela se quisermos persistir um pouco mais neste planeta (Ferseck, 2022). Colson (1985), a esse respeito, acrescenta que o sol exerce uma influência profunda na vida dos povos indígenas da região de circum-Roraima, especialmente os makuxi. Ademais, Maria Lugones (2014), em seu texto "Rumo a um feminismo descolonial", expõe que essa dicotomia de gênero é uma construção colonial que não considera as várias cosmologias e percepções que existem nas culturas indígenas e não ocidentais. Ela sugere que essa imposição de categorias de gênero sistematicamente apaga representações mais complexas e fluidas que podem existir na cultura. Lugones enfatiza a necessidade de olhar criticamente para essas categorias dicotômicas, pois a opressão e a resistência estão interligadas nas relações de gênero, raça e colonialidade.

Analisando os poemas de Sony, observamos que as temáticas abordadas dialogam com as reivindicações apresentadas na 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, realizada em agosto de 2019 em Brasília, a qual reuniu pela primeira vez 2.500 mulheres de 130 povos indígenas distintos, representando todas as cinco grandes regiões do país. No documento final que divulgaram, afirmaram o seguinte:

...queremos dizer ao mundo que estamos em permanente processo de luta em defesa do “Território: nosso corpo, nosso espírito” [...] Enquanto mulheres, lideranças e guerreiras, geradoras e protetoras da vida, iremos nos posicionar e lutar contra as questões e as violações que afrontam nossos corpos, nossos espíritos, nossos territórios. Difundindo nossas sementes, nossos rituais, nossa língua, nós iremos garantir a nossa existência. [...] Precisamos dialogar e fortalecer a potência das mulheres indígenas, retomando nossos valores e memórias matriarcais para podermos avançar nos nossos pleitos sociais relacionados aos nossos territórios (Marcha [...], 2019, p. 1-2).

Esta relação entre corpo e território, a partir de uma perspectiva mais abrangente “coloca no centro o comunitário como forma de vida”, o que permite tratar acerca do território em múltiplas escalas, ressaltando a importância da “escala mais micro, mais íntima, que é o corpo”, “primeiro território de luta”. O corpo, sobretudo o corpo feminino e outros grupos que também são dissidentes, expõe a existência de variadas “outras escalas de opressões, de resistências: família, praça pública, comunidade, bairro, organização social, território indígena, etc.” (Cruz Hernández, 2017, p. 43)

Diante disso, o corpo se faz presente em inúmeros versos do livro *Weiyamî: mulheres que fazem sol*, como em “meu tom de terra / me confunde o corpo / cor de semente / de sucupira” (Ferseck, 2022, p. 9). Neste verso, o corpo é comparado à terra e à semente de sucupira, uma árvore nativa do Brasil. A aproximação evidencia uma identidade enraizada na natureza e na ancestralidade indígena. Nos versos “Tirar/ meu corpo /teu corpo /do tronco/ da madeira/ da samaúma” (Ferseck, 2022, p. 13), a samaúma, uma árvore imponente e sagrada na cultura amazônica, representa força e proteção. A ação de tirar o corpo do tronco da árvore pode ser encarada como uma forma de renascimento ou uma libertação, um regresso à origem ou uma reconexão com a essência natural das coisas. “Medo grande no corpo/ Ewaron²/ Me atravessa como presa” (Ferseck, 2022, p. 17). Aqui, o corpo representa um refúgio de medo, simboliza a vulnerabilidade e a experiência de ser aprisionado. Ewaron pode ser interpretado como um espírito ou uma força que provoca medo, atravessando o corpo e ressaltando a fragilidade humana diante de potências maiores. “Meu corpo será/ todo instrumento/ Ewaron” (Ferseck, 2022, p. 17) O corpo, descrito como um instrumento, sugere uma funcionalidade a partir do sentido da palavra instrumento. A presença de Ewaron sugere uma transformação onde o corpo se torna um meio para uma expressão ou ação maior, talvez espiritual ou ritualística. “Meu corpo-voo/ Atravessa a água/ Do lago do Rei” (Ferseck, 2022, p. 25), a metáfora do corpo-voo indica liberdade e transcendência. Atravessar a água do lago do Rei sugere uma jornada espiritual ou uma travessia significativa, possivelmente ligada a rituais. O verso faz

² Ewaron: em makuxi maimu significa escuridão, treva ou noite (Ferreira, 2022, p. 18).

referência ao Lago do Rei, no município de Careiro da Várzea (a 25 quilômetros de Manaus), o Lago do Rei é um dos maiores mananciais piscosos da região. “Conta a história que o lago tem esse nome porque na época do império a Coroa Portuguesa mandava buscar nele os quelônios, considerados excelentes, para serem consumidos na Corte” (A pesca [...], [s. d.]).

Em “Meu corpo-asas/ Em carne crua/ Se desfez” (Ferseck, 2022, p. 25), a imagem do corpo com asas que se desfaz em carne crua evoca vulnerabilidade e transitoriedade. Pode simbolizar a fragilidade da vida e a efemeridade da existência física, contrastando com a aspiração de liberdade (asas). “Meu corpo-gente/ Prova do corpo” (Ferseck, 2022, p. 25). A expressão “corpo-gente” ressalta a humanidade que está intrínseca. Provar o corpo pode sugerir uma reafirmação da identidade humana, por meio da experiência física e também sensorial. “Meu corpo-círculo/ Também dança/ As filhas de Wei / Me ensinam” (Ferseck, 2022, p. 25). O corpo-círculo simboliza completude e continuidade, destacando a dança como uma forma de expressão cultural e espiritual. As filhas de Wei ensinam através da dança, indicando transmissão de sabedoria e tradições. “Dizem que as filhas de Wei, da Sol, iluminam os caminhos dos mortos pela Via Láctea, pelas plêiades, elas que permitem o grande reencontro com os que já se foram. Aguardo nelas. Em tempo, como neta de Wei, ela é quem também me permite todo dia que me reencontre com o povo Macuxi” (Ferseck, 2022, p. 9). Ademais, na obra aparecem palavras compostas, unidas pelo hífen: “corpo-círculo”, “corpo-voou”, “corpo-gente”, “corpo-asas”, entre outras palavras compostas presentes no livro que amplia o campo semântico dos signos e que traz aos poemas a ideia de um corpo-vivo. Como assevera bell hooks, “o privilégio de negar o próprio corpo” é heteronormativo, patriarcal e branco (hooks, 2017, p. 183).

Daniel Munduruku (2018, p. 83) declara que “o papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral”. Desse modo, é possível afirmar que a literatura de autoria indígena, e mais especificamente a literatura feita por Sony Fersceck, promove o reencontro com as memórias ancestrais e memórias que atravessaram os tempos das águas, dos povos das florestas, evocando diferentes paisagens. A linguagem poética de Fersceck faz uso de elementos da natureza, a exemplo o sol, a palha viva e a cor ocre da terra, para estabelecer uma ligação entre o eu lírico e a natureza. Essa relação simboliza o pertencimento e reforça a ideia de unidade com o território, fundamental para o resgate das memórias ancestrais. Além disso, o uso de metáforas que representam a ligação entre o corpo, a terra e a cultura. Por exemplo, os versos que mencionam o “útero da terra” e “a fala das pedras” refletem uma imersão nas tradições e

experiências indígenas, indicando um diálogo entre a terra e os seres humanos. Há, dessa maneira, uma relação de unidade com a natureza, de respeito com a mãe terra, de reconhecimento da sabedoria dos anciãos, de busca pela percepção dos conhecimentos ancestrais, de misticismo e de escuta ao silêncio. O “Grande reencontro” é o pensar sobre o tempo dos ancestrais, terra, corpo, irmandade, caminhos e oralidade.

A manifestação de sentimentos e raízes são observadas nos seguintes versos:

**Alcançar com as mãos
o útero da terra**
percorrer com os dedos
a linguagem da terra
a fala das pedras
os grãos da voz
que a água acalenta
**Tirar do pó o mistério da existência
matéria mesma das mãos nas mãos
das mães do barro**
Koko’ Non
afagar entre os dedos
o barro que arredonda
as formas das gentes
da vida
seus afetos meus afetos
de enfrentar o fogo
o fogo é a cor da pele
do povo do entorno da **Wazaka’**
Rigores do amor vertidos por Wei
que depois de secos alimentam
as palavras das avós que nunca racham
de tuma, de karutuke, tawa, de pari,
decoram as cantigas que encantam
de carinho as netas das netas que virão
a seguir.
(Ferseck, 2022, p. 37, grifos nossos)

A poeta constrói uma imagem que remete à terra como geradora da vida, conforme os versos “Alcançar com as mãos / o útero da terra” (Ferseck, 2022, p. 37), mas que parece ter caído no esquecimento, pois é necessário “Tirar do pó o mistério da existência / matéria mesma das mãos nas mãos / das mães do barro” (Ferseck, 2022, p. 37). Nestas passagens, a autora aborda novamente a importância do reconhecimento da nossa ancestralidade para dar forma, unir e conhecer o que somos, utilizando de maneira muito perspicaz a metáfora do barro, que ganha forma nas mãos do artista que cria, assim como nós precisamos também tomar forma a partir do contato com a terra, que é nossa geradora.

Ainda no mesmo poema, Sony traz a *Wazaka’*, árvore que dava todos os frutos, e parece tecer, então, uma comparação entre a árvore e “as palavras das avós que nunca racham” (Ferseck, 2022, p. 37), que nunca morrem, que nunca secam, mas que permanecem nas gerações

seguintes. A Avó que passa os conhecimentos para as gerações vindouras por meio das palavras é como a árvore que dá todos os frutos e alimenta descendências.

Há um poema (sem título) em que a autora dedica seus versos às mulheres indígenas:

nós **mulheres** **invisíveis** aprendemos pela casa
a linguagem dos cômodos apertando entre os dentes
nosso silêncio de sangue empurrado pelos quartos
como os filhos que teremos
& que nos odiarão pelo espelho (mas ainda assim o espelho virá)
nós **mulheres** **domésticas**
desaprendemos do nosso antigo nome que antes dizia bicho rio sol beija-flor
pra virar água de batismo-catequese-castigo
rima qualquer entre o som & o desprezo que não grita mais a palavra deus
(mas ainda assim dito)

nós **mulheres** **silenciosas**
muito menos parecidas com as outras vivas ou mortas
guardamos entre as pedras os ossos
dos homens que jamais nos predisseram assim como a eles
só nos restam cantigas rupestres incrustadas nos ermos de não ir
(mas que ainda assim iremos)

que não se enganem

toda aquela que faz silêncio guarda o intocável
assim permanecemos tecendo a vida como a
fibra de um ornamento uma língua de fumaça
que só diz palavras de cura afiando a lâmina pela terra em luta
nós mulheres infinitas.

(Ferseck, 2022, p. 41- 42, grifos nossos)

É interessante observar que, embora haja uma dedicatória expressa, podemos estendê-la às demais mulheres. Os versos “nós mulheres invisíveis”, “nós mulheres domésticas” e “nós mulheres silenciosas” (Ferseck, 2022, p. 41), que abrem as três primeiras estrofes, apresentam, em situações diversas, os dramas sofridos pelas figuras femininas ao longo do tempo.

Na primeira estrofe, o eu-lírico coloca que “aprendemos pela casa / a linguagem dos cômodos / apertando entre os dentes / nosso silêncio de sangue” (Ferseck, 2022, p. 37), o que parece ser uma tentativa de desopressão, pois aprendemos, desde cedo, o nosso lugar, o lugar que devemos ocupar, o qual é imposto há tempos e não é uma escolha da mulher. Outro ponto a se tratar é a presença do filho, o qual parece nutrir um sentimento de ódio pelas mulheres, no caso, as mães, conforme os versos “[...] nos odiarão pelo espelho / (mas mesmo assim o espelho virá)” (Ferseck, 2022, p. 37), porém esse mesmo filho, mais tarde, será imagem e semelhança da sua geradora, como um reflexo no espelho.

Na estrofe seguinte, o segundo verso já afirma que as mulheres domésticas estão em uma posição de separação, de desligamento, pois desaprendem “do nosso antigo nome / que

antes dizia bicho rio sol beija-flor / pra virar água de batismo-catequese-castigo” (Ferseck, 2022, p. 41). Nesses versos a poeta se utiliza de elementos da natureza para, quem sabe, remeter à ideia de liberdade e conexão com o próprio meio do qual se é parte, mas que foi apartada, domesticada, dominada por normas pertencentes às convenções sociais, aqui, representadas pela figura da Igreja, que pune e macula aquela que foge à regra imposta. Nessa esteira de pensamento, a perspectiva decolonial de María Lugones (2014) fornece bases teóricas para a compreensão do sistema moderno/colonial e das estratégias de resistência e articulação na sociedade brasileira. O “sistema moderno colonial de gênero” está vinculado às manifestações da colonialidade do saber, do poder e do ser no cenário pós-colonial. Nesse contexto, observa-se a interseção entre as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade (Lugones, 2014).

Na terceira estrofe, chamam atenção os versos “guardamos entre as pedras os ossos dos homens que jamais nos predisseram” e “incrustadas nos ermos de não ir / (mas que ainda assim iremos)” (Ferseck, 2022, p. 41), os quais apontam que a mulher, embora invisível, domesticada, silenciada, não pode ser prevista, renunciada pelos homens, ainda que, solitariamente, os sigam. Nos versos que se seguem “que não se enganem / toda aquela que faz silêncio / guarda o intocável” (Ferseck, 2022, p. 41), parece haver uma acusação que não deixa de ser uma invocação para quebrar o silêncio, uma vez que se silenciar é proteger o invasor, o agressor ou todo e qualquer ser ou instituição que tente se apropriar do que há de mais sagrado, o ser livre.

Para o povo indígena Pataxó (2013) o silêncio está ligado a uma compreensão profunda da relação com o mundo ao nosso redor. Ailton Krenak (2019), líder indígena, ambientalista, filósofo e poeta, assevera que o silêncio pode estar repleto de significados e vozes, mesmo quando parece completo. Ele sugere que, por trás do silêncio, existem "muitas vozes" que, embora não sejam audíveis, têm impacto nas relações de aprendizagem e na interação com o ambiente. Krenak (2019) expressa que momentos de escuta, como quando se ouve as estrelas, revelam que há comunicação e sabedoria nas realidades não-humanas. Assim, para os Pataxó, o silêncio não é a ausência de comunicação, mas uma forma de conexão e diálogo com a natureza e as entidades ao redor. O silêncio torna-se, assim, um espaço de reflexão e sintonia com essas vozes, que continuamente não são notadas na cultura ocidental, destacando a importância da escuta e da presença.

Em outro poema (sem título), Sony dirige os versos a Ko'ko, que significa vovó em macuxi. Neles, o eu-lírico feminino afirma que chegou à “idade em que as mulheres cantam” (Ferseck, 2022, p. 34), o que busca mostrar a chegada de uma maturidade e autoconsciência que se atinge por meio da “cantiga dos afetos” (Ferseck, 2022, p. 34), que é repassado pelas gerações. Mais adiante, os versos nos revelam que “hoje já não me meço pelo espelho / teço

minha própria canção / que canto do alto da minha garganta partida / repleta de silêncios e pássaros vazios”, (Ferseck, 2022, p. 34), nesse sentido, a autonomia e a autoconsciência alcançadas permitem ao eu-lírico alçar voos maiores e expressar, por si mesmo, ainda que de modo fraturado em virtude dos sofrimentos de seus antepassados que foram silenciados e dizimados, a sua própria canção.

Ainda analisando os poemas de Sony, chama atenção o poema intitulado “Makunu’pa”, o qual nos traz, de modo muito claro, a imagem de um rio por meio da forma em que os versos estão postos, o que até remete aos poemas concretos, embora a poetisa não suprima o aspecto intimista.

Neste poema imagético, Sony constrói a descrição de um rio cheio o qual é desfrutado por toda comunidade, piabas, gentes, peixes, que nos dá a ideia de uma vivência em comunhão. Ademais, as águas desse rio é que nutrem não apenas a terra, mas a gente, “lavrando na terra / veios que alimentam / tesos de buritizal / lagos de peixinhos” (Ferseck, 2022, p. 21). Cabe ainda pensar na figura dos gêmeos que aparecem no poema, Makunaimî e Makuna’pa, um menino e uma menina, respectivamente, que se espelham, pois são frutos gerados pelo mesmo ventre e, assim como eles, nós, gentes, mulheres, piabas, peixes, somos frutos gerados pela terra, espelhamos, ou devemos espelhar, refletir essa vivência em comunhão, em equilíbrio. Nesse sentido, ao final, a poetisa parece fazer um convite ao leitor para essa vivência holística: “makunu’pa: / Manamari / Makunaimî /: - meu irmão assim / Também me és / Aprende / Venha Vindo” (Ferseck, 2022, p. 21).

Sony constrói uma escrita que cria uma poética a partir da apresentação da presença do corpo. A poesia de Sony Ferseck é um movimento estético-político tendo como protagonista a identidade indígena. Essa identidade indígena é ancestral e reside nos corpos de seus antepassados, isto é, temos autoria individual de identidade coletiva.

3 Considerações finais

A poesia de Sony Ferseck se insere na Literatura Indígena Contemporânea, que traz uma poética ligada à natureza, ao coletivo e à memória. Dessa forma, a literatura produzida por Sony contribui para a formação de uma episteme cultural coletiva, que surge do corpo do sujeito indígena para afirmar a identidade de povo, reconhecendo a ancestralidade dos seus antepassados que preservaram e preservam suas culturas na oralidade. Nos versos de Sony há a influência do corpo e do território, além de reafirmar a identidade e ancestralidade indígena, propondo uma reflexão acerca da experiência indígena contemporânea, o que enriquece a

diversidade da literatura brasileira. Ademais, sua valorização da oralidade destaca a importância das narrativas coletivas, inserindo-se no discurso literário como um meio vital de transmissão cultural e resistência.

A poesia de Sony Ferseck implica múltiplas relações entre a resistência e a produção de memória na relação corpo-território, onde as epistemes indígenas, conjunto de práticas e saberes locais capazes de contrapor as coerções dos discursos dominantes, desempenham um papel fundamental na literatura de autoria feminina indígena. Sony Ferseck busca com suas poesias colocar as mulheres para a luz, atribuindo a elas o protagonismo que nunca lhes foi ofertado, o que constitui o cerne de *Weiyamî: mulheres que fazem sol*. A literatura de Sony mostra que nós também somos a natureza, com diversas possibilidades de existência. Sony fala por si e por todas as mulheres indígenas.

Por fim, a relação entre corpo e território na poesia de Sony Ferseck é essencial para compreender a construção de identidade e a resistência cultural entre os povos originários. Essa noção ressalta que o corpo não é somente um espaço individual, mas também um símbolo que transporta as lutas coletivas de seu povo. Ao determinar essa ligação, a poética de Ferseck reflete a busca por reconhecimento e espaço na sociedade contemporânea, concomitantemente reclama a proteção de suas terras e a preservação de sua cultura. Desse modo, o corpo-território se transforma em um potente conceito que expressa a resistência e o vigor das poéticas indígenas, reafirmando a importância da ancestralidade.

REFERÊNCIAS

A PESCA do mapará no Lago do Rei. *Jornal do Commercio*, Manaus, [s. d.]. Disponível em: <https://www.jcam.com.br/noticias/a-pesca-do-mapara-no-lago-do-rei/>. Acesso em: 14 maio 2024.

COLSON, Andrey Butt. Routes of knowledge: an aspect or regional integration in the circum-Roraima area of the Guiana Highlands. *Antropologica*, Caracas, v. 63-64, p. 103-149, 1985.

CRUZ HERNÁNDEZ, Delmy Tania. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. *Solar: Revista de Filosofía Iberoamericana*, Lima, v. 12, n. 1, p. 35-46, 2017.

FERREIRA, Sonyellen Fonseca. *Pouco Verbo*. Boa Vista: [s.n.], 2013.

FERREIRA, Sonyellen Fonseca. *Movejo*. Boa Vista: Wei Editora, 2020.

FERREIRA, Sonyellen Fonseca. *Weiyamî: mulheres que fazem sol*. Boa Vista: Wei Editora, 2022.

FERSECK, Sony. Tecendo narrativas do norte: autores e autoras buscam mais espaço na cena literária. [Entrevista cedida a] Nicololy Ambrosio. *Nonada Jornalismo*, [s.l.], 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/02/tecendo-narrativas-do-norte-autores-e-autoras-buscam-mais-espaco-na-cena-literaria/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

GAGO, Verónica. *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo*. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

GRAÚNA, Graça. Ao escrever, dou conta da ancestralidade, do caminho de volta, do meu lugar no mundo. Entrevista concedida a Marisa Loures. *Tribuna de Minas*, Belo Horizonte, 6 ago. 2019. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/colunas/sala-de-leitura/06-08-2019/graca-grauna-ao-escrever-dou-Conta-da-ancestralidade-do-caminho-de-volta-do-meu-lugar-no-mundo.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2. ed. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

LUGONES, María. “Rumo a um feminismo descolonial”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, SC, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em 03/02/2025.

MARCHA das mulheres indígenas: território: nosso corpo, nosso espírito. *Revista FagTar*, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://fagtar.org/palavrasescritas/marchamulheresindigenas/>. Acesso em: 13 maio 2024.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura. O reencontro da memória. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Fi, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

OLIVA, Victoria Ferreira. Do corpo-espço ao corpo-território: o que a Geografia Feminista tem a dizer?. *Ensaio de Geografia*, Niterói, v. 8, n. 17, p. 165-187, jul. 2022.

OLIVEIRA, Diego. Saiba quem é a escritora indígena macuxi que foi finalista do Prêmio Jabuti em 2023. *Portal Amazônia*, 24 nov. 2023. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/saiba-quem-e-a-escritora-indigena-macuxi-que-foi-finalista-do-premio-jabuti-em-2023/>. Acesso em: 14 maio 2024.

OLIVIERI-GODET, Rita. Prefácio. In: FERREIRA, Sonyellen Fonseca. *Weiyamî: mulheres que fazem sol*. Boa Vista: Wei Editora, 2022. p. 5-7.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Texto e narração de Maria Beatriz Nascimento. São Paulo: Andra Filmes, 1989. 1 vídeo (90min). Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=ori>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PATAXÓ, Kanatyo. *Diálogos dos saberes: a pedagogia da lente do nosso olhar e as mãos da Natureza: povo Pataxó da Aldeia Muã Mimatxi*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

RODRIGUES, Caíque. Livro de escritora macuxi finalista no Prêmio Jabuti reúne poemas sobre mulheres indígenas. *Portal G1*, Boa Vista, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/11/23/livro-de-escritora-macuxi-finalista-no-premio-jabuti-reune-poemas-sobre-mulheres-indigenas.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Texto submetido em: 01 out. 2024

Aceito para publicação em: 27 fev. 2025

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.142929>